



# Câmara Municipal de Jundiaí

São Paulo

processo n.º 13.367

classificação n.º

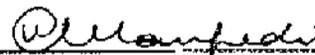
Decreto Legislativo n.º 30 , de 2 / 9 / 71

## PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO N.º 37

autoria: HERMENEGILDO MARTINELLI

assunto: Concede o Título de "Cidadã Jundiaense" à Revmª Irmã Verônica Maria da Cruz.

Arquive-se

  
Diretor

22/10/72



Câmara Municipal  
de  
Jundiá

Interessado: HERMENEGILDO MARTINELLI

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 37

Assunto: s/concedendo o título de "CIDADÃ JUNDIAENSE" à Revma.

Irmã VERONICA MARIA DA CRUZ.

*Decreto Legislativo nº 37/71*

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIÁ  
Diretoria Geral

ARQUIVÉ-SE

*[Assinatura]*  
Diretor Geral

Em 09 de 9 de 71

*Título entregue na Sessão  
Solene de 17/12/71.*

Clas. 19

Proc. Nº 13 367

*[Handwritten mark]*



câmara municipal de Jundiá  
estado de são paulo

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIÁ  
PERIÓDICO DATA  
018887 - 440071  
CLASSE

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 37

Art. 1º - Fica concedido à Revma. Irmã Verônica Maria da Cruz, o título de "CIDADÃ JUNDIALENSE".

Art. 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 04/agosto/1 971.

*[Signature]*

Hermenegildo Martinelli.

*[Signature]*  
Ana J. F. F. F.

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIÁ  
APROVADO  
Sala das Sessões, em 04/08/1971  
*[Signature]*  
Presidente

*[Signature]*  
for Dep

*[Signature]*  
André Baccanini

*[Signature]*  
Alfredo Venturi

*[Signature]*  
Antonio Amador

*[Signature]*  
Pedro

*[Signature]*  
Bacchi

\* -P/-

3/19

JUBILEU DE OURO

*Curriculum Vitae da Senhora  
Santã Teronisa Maria da  
Cruz.*

1921



1971

Fiel

Serei

Irmã Verônica é uma religiosa franciscana, muito conhecida em Jundiaí pelos relevantes serviços prestados no Hospital S. Vicente de Paulo. Dia 23 de julho, completará 50 anos de vida religiosa, consagrada a Deus e, por amor a Ele, dedicando-se inteiramente ao bem do próximo.

Chegando ao nosso conhecimento que o Jubileu de Ouro de Irmã Verônica será comemorado com muita alegria e gratidão na Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, pelos seus familiares, e pelos seus inúmeros amigos, entrevistamos esta respeitável e simpática religiosa que, apesar dos seus 70 anos, demonstra ainda invejável espírito de ação, bondade e força de vontade.

- Irmã Verônica, durante êsses longos 50 anos de vida dedicada a Deus, e ao próximo, morou sempre em Jundiaí?

- Não. Vim para Jundiaí em 1925. Contava eu 24 anos de idade e 5 de vida religiosa. Depois disso, deduzindo o tempo que passei em Taubaté (1 ano) S. Pedro (1 ano), Descalvado (10 anos) e Piracicaba (2 anos), num total de 14 anos, o mais, estive sempre aqui, no Hospital São Vicente.

- Que funções a Sra. desempenhou nesse Hospital?

- Vim para desempenhar a função de enfermeira, sem ter a mínima noção desse trabalho. Inicialmente, trabalhei na sala de cirurgia e ajudei um pouco na farmácia; somente depois passei para a Maternidade.

- Sabemos que seria impossível descrever tudo o que tem feito na Maternidade do Hospital São Vicente, pois muitas meninas que a senhora viu nascer, hoje voltam à maternidade para dar à luz seus bebês...

- Poderia nos dizer, mais ou menos, quantas crianças viu nascer?

- Para dar uma idéia dos nascimentos, no período de 1954 a 1970, somando-se os que nasceram êste ano, atingimos o total de 30.384. Mas não posso dar o total exato, porque não foram guardados os livros de registro de todo o período, desde que estou trabalhando.

- A Sra. trabalhou tantos anos com recém-nascidos. E na sua infância, já gostava de brincar com bonecas?

- Para dizer a verdade, eu não tive propriamente infância; até os 7 anos o único brinquedo que tínhamos era uma boneca de pano, feita por nós, de

trapos velhos, com enchimento de areia, pois minha mãe aproveitava a roupa, ao máximo. Para distinguir a cabeça, pintávamos os olhos, nariz e boca, com carvão. Um dia, enquanto nós fomos à escola, um dos meus irmãos mais velhos enterrou as bonecas, porque achava que perdíamos tempo de trabalho... Chorei muito, fiquei tão indignada que nunca mais gostei de bonecas...

- Por falar em escola, onde a Senhora fez os seus estudos?

- Com 7 anos fui à escola mista, na fazenda do Sr. Luiz Gonzaga. Naquela época, aprendíamos pela cartilha do be-a-bá. Graças a Deus, nunca repeti a lição, e, no decorrer de um mês, eu já sabia ler e escrever. Entretanto, fui à escola só durante 3 anos. Gostava mais de aritmética; em gramática, eu fracassava. Para irmos à escola, tínhamos de andar uma hora, pelos caminhos nos cafezais.

- Como era o trabalho no cafezal?

- Eu gostava muito da época do "apanha café"; sabem por que? Era um serviço em que a gente podia trabalhar e cantar... O "Louvando a Maria" tinha 40 versos, e eu os aprendi de cor, e chegava a cantá-los todos, em seguida. Não era só eu; a turma toda fazia assim. Era a época mais alegre do ano. Numa destas ocasiões, um missionário esteve nas fazendas vizinhas pregando missão, que era à tarde, depois do por do sol, para não perdermos tempo. Nós íamos de roupa limpa, que levávamos para o cafezal, juntamente com os sapatos, trocando-nos lá mesmo, a fim de não perdermos a hora da reza e da prática. Pelas 21 horas voltávamos à casa, alegres, entoando os cantos aprendidos na missão, com o padre que se chamava Joaquim Antonio de Campos. Uma das frases que ele sempre repetia e que me calava na alma era: "De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder sua alma?". O local da pregação era a trilha de café, sentados em caixotes e bancos improvisados. Que tempo feliz e saudoso, de fé viva e firme!

- Então sua educação religiosa começou cedo?

- Fui batizada com 3 dias de idade, na Matriz de N. Sra. de Belém, em Itatiba. Eu nascera no dia 23 de fevereiro de 1901, uma sexta-feira, às 24 horas, sendo gêmea e, por isso, nascendo muito fraca. Meus padri-

nhos foram o Sr. Pedro Zorzi e sua esposa Josefina. Recebi o nome de Clementina. Meu pai era católico praticante e consciente de seu dever; êle nos reunia tôdas as noites na sala, para ensinar as principais orações em italiano e, diariamente, um tinha de recitá-las e os demais ficavam atentos, para aprendê-las. Minha mãe quase morreu em virtude da hemorragia que teve por ocasião do meu nascimento; ficou anêmica por 7 anos e, então, meu pai fez promessa de que, se ficasse boa e tivesse mais filhos, poria o nome do santo do dia do nascimento. Veja bem, minha mãe, com 12 anos de casada, já tivera 11 filhos !

É aconteceu que, quando nasceu o Augustinho, era dia de São Pantaleão, que, em italiano, significa "bobão". Portanto, êle decidiu colocar o nome do avô, Augustinho Savietto. O maninho tinha 2 anos quando houve aquela febre maligna que se alastrou por tôda a redondeza, e que, matava ou aleijava... Pegou a febre e meu pai atribuiu isso a um castigo, por não ter posto o nome do santo; êle chegou a se confessar culpado e com remorso, antes de morrer... Êle havia nascido a 7 de fevereiro de 1864, e faleceu de pneumonia dupla, uma hora depois de ter recebido a comunhão, a extrema unção, ministrada lá no sítio pelo Padre Artur Ricci, no dia 16 de julho de 1938, com 74 anos. Minha mãe ficou morando no sítio durante 7 anos após a morte de meu pai e, após o falecimento do mano Davide, transferiu-se para a casa da filha Josefa; aí, enquanto ela pôde, vinha ao hospital uma vêz por mês, com a filha, fazer a Hora Santa, no encerramento da exposição do SSmo.; e isso, durante 7 anos, até que faleceu, a 30 de julho de 1952, com 83 anos.

- Quando foi sua Primeira Comunhão ?

Fui admitida à Primeira Comunhão com 8 anos, em 1909, na Capela de N. Sra. das Dôres, na fazenda do Sr. Inácio Martins; éramos 10 ao todo, inclusive o Júlio e a Mariana. Quem vinha celebrar a missa, mensalmente, nas fazendas, eram os padres capuchinhos. Aos domingos, tínhamos o catecismo na fazenda do Sr. Luiz Gonzaga. D. Maria Martins era a nossa catequista; ela dava a lição de cór, e marcava outra para o próximo domingo, e nada mais: entendesse quem entendesse! ... Como eu sempre fui muito vaidosa, não queria ficar abaixo dos outros, e nunca repetia

a lição. Os capuchinhos, de vez em quando, nos davam livros das vidas dos santos. Deram-me um livro intitulado "A Virgindade", que pouca impressão causou-me, pois nada entendia naquela época. Bem, quando fomos ao catecismo, eu e meus irmãos já sabíamos o Pai-Nosso, a Ave-Maria, o Creio-em-Deus Pai, o Ato de Contrição, o Eu Pecador, a Salve Rainha, os Mandamentos da lei de Deus e da Igreja, os 7 Sacramentos, as 14 Bemaventuranças, os 7 pecados capitais, e os 4 Novíssimos. E em casa repetíamos sempre a máxima: "Em toda parte Deus nos vê, por conseguinte, nada de fazer o mal às escondidas". Tomávamos a bênção dos pais e depois ficávamos livres...

- Nem sempre os capuchinhos vinham celebrar na fazenda, não é verdade? Como é que faziam quando não havia missa nas fazendas?

- Aí nós tomávamos o trenzinho Itatibense, as 9 horas, na estação do Paraíso, para poder chegar as 10,30 na Matriz de N. Sra. do Belém. Íamos em jejum, para podermos comungar. E só íamos quebrar o jejum depois do meio-dia, porque, ao voltar, ajudávamos nos afazeres da casa; o meu era o de ordenhar as vacas. Com 14 anos entrei na associação do Coração de Jesus, e para comungarmos nas 9 primeiras sextas-feiras, tínhamos de ir a pé até Itatiba, ida e volta; meu pai fazia questão que nós nos associássemos a êle, e dava o exemplo. Aliás, também íamos à missa em Itatiba, a pé, e para não gastar os sapatos, nós os levávamos na mão e só os calçávamos perto da cidade. Na volta fazíamos o mesmo...

- Sabemos que, geralmente, as famílias numerosas passam por dificuldades, e o seu caso não foi diferente. A Sra. trabalhou desde cedo, não é?

- Quando voltávamos da escola, meu serviço era procurar os ninhos de ovos no mato, e recolher os do galinheiro. Tocava os bezerros para o curral, levava as lavagens para os porcos, arrancava mandioca e cana, picando-as para as vacas, e tudo isto até os meus 10 anos quando deixei de ir à escola. Comecei então a trabalhar na roça. Cada um tinha sua "rua" para capinar. Eu era muito crescida e tinha força e boa saúde. apesar de menina, já me consideravam moça feita, e eu suplantava os manos mais velhos, a ponto de meu pai dizer que eu valia mais que um ho-

mem... Entretanto o trabalho não era tudo. Como tôdas as moças, eu fazia os meus "castelos". Foi-se passando a minha mocidade no trabalho da roça, e só íamos a alguns bailados, como o baile de família, do qual eu gostava muito. Com meus 17 anos, pujantes de entusiasmo, com vontade de sobressair, comecei a fazer meu enxoval, mesmo sem ter namorado. Tive, é verdade, dois pedidos de namôro, mas não aceitei por me achar muito nova e não gostar dos moços.

- Além da roça, teve outros serviços domésticos?

- Nós éramos pobres e não tínhamos onde aprender os serviços domésticos. Tivemos que aprendê-los às nossas custas. Começamos costurando panos velhos na máquina de mão, e às vêzes, quebrando a agulha... Fazíamos isto só nos dias de chuva. De tanto reinar, consegui fazer um vestido de chita, que custou 40 réis o metro, vermelho com bolinhas brancas, com três babados, como usavam os caipiras. Achei-o uma beleza. Vesti-o pela primeira vez para ir à missa na Tapera Grande. Comecei a mirar-me, distraíndo-me totalmente da missa, quando dei com os olhares ameaçadores de meu pai; foi o suficiente para perder tôda a graça, pois sabia que, em casa, viria a repreensão. Para fazer croché, como só sabia fazer o ponto corrente, eu desmanchava uma parte para ver como era feita, e depois a refazia; e assim aprendi a fazer qualquer ponto, de sorte que minhas colegas até recorriam a mim, quando não conseguiam acertar. E quando me solicitavam alguma coisa para fazer eu não sossegava enquanto não descobrisse o segredo, custasse o que custasse! Vocês notam que a vaidade era o meu fraco. Minha mãe sempre dizia: "Você é como o azeite, quer ficar por cima..."

- Nas brincadeiras também?

- Bem, nossos brinquedos eram: a amarelinha, o caracol, cabra-cega, pata-choca, o bobão que está na roda e não viu o anel passar. Nestes dois brinquedos, o da choca e o do bobão, eu sempre queria prevalecer. Não conseguiam pegar-me, a ponto de um menino, que tudo fazia para vencer, sem o conseguir, afirmar: "Esta menina é esperta como o diabo!" Eu tinha, na ocasião, 7 anos. Um dos passatempos de domingo era trepar nas árvores do pasto e cantar qualquer coisa improvisada. O Júlio e eu fazíamos desafios, cada um queria ser o maior, até que êle se tornas-

se o rei e eu, a rainha, sempre balançando-nos nas árvores; e por isso, apesar de nos tornarmos rei e rainha, levávamos belos tombos... As vezes, era o desafio da memória; êle procurava as pessoas com o nome "José" e eu, as de nome "Maria"; neste ponto, eu era a vencedora.

- Há algum fato interessante na sua infância, que a senhora lembre como um prenúncio de sua atividade na enfermagem?

- Sim, uma vez, ao voltarmos da escola; éramos 6 ao todo: a Mariana, o Júlio, e três meninos da família Piccolo, e eu, a mais nova; corre de lá, pula de cá, eis que, por infelicidade, um dos Piccolo, apelidado "Xixe", pulou em cima de um estrepe de milho e, não podendo desvencilhar-se, dada a dor que sentia, começou a gritar, mas ninguém tinha coragem de socorrê-lo. Vendo isto, sem dizer nada, banqueei a valentona, peguei o pé do menino e dei um puxão, sem que êle tivesse tempo de reclamar; em seguida, amarrei um lenço para estancar o sangue; e lá fomos para casa sem mais novidade. Isto me valeu que, daí por diante, na nossa turma, em qualquer coisa difícil, recorriam à "Menhe", como me apelidavam...

- A Senhora tem recordações de seus antepassados? O que a Sra. sabe a respeito de seus pais e avós?

- Meu avô, Augustinho Savietto, nasceu em 15 de maio de 1835, no distrito de Trieste, na Itália; era lavrador. Esteve 8 anos servindo o governo, como soldado na guerra entre Itália e Áustria. Entregou-se como prisioneiro, até o fim da guerra, e foi tido por desertor. Depois ficou morando em Veneza, enviuvou com 30 anos, tendo 5 filhos pequenos; um deles morreu de anemia. Como não havia terra para lavrar e estavam na miséria, empregou como criado, em casa de gente rica, o filho mais velho, que viria a ser meu pai. Consta que levavam sobras de comida para casa, passavam fome e comiam polenta com abóbora! Dentre os serviços de meu pai, um era o de gondoleiro, isto é, levar as damas de gôndola, de uma rua para outra, em Veneza.

- Quando vieram para o Brasil?

- Não sendo mais possível viver lá, por falta de serviço, vieram para o Brasil como emigrantes, em 1888. A travessia do Atlântico durou três meses; eram aproximadamente 1.000 pessoas, em 3ª classe, recebendo

a comida que sobrava da 1ª e da 2ª. Chegaram a passar fome porque a comida que era pouca não dava para todos. Chegando a Santos, foram transportados em carroças, para as fazendas. De Santos à Fazenda S. Bento de Perceira, que dista uns 40 km. de Itatiba, a viagem durou 3 dias. Minha mãe e a família de meu pai conheceram-se no mesmo navio e foram levados para a mesma fazenda. Dizem que o administrador simpatizou-se com minha mãe e queria casar-se com ela, mas minha mãe preferiu meu pai, por ser do mesmo nível e da mesma nação. Casaram-se em Itatiba, um ano depois da chegada, na Matriz N. Sra. do Belém, contando êle 24 anos, e ela, 19. Três anos depois, foram morar na fazenda da Juntumé, mais perto de Itatiba. Quando conseguiram ajuntar 2.500 cruzeiros, compraram o sítio do Pinhal, 3 alqueires de terra sem benfeitorias, nele permanecendo por 10 anos. Em 1905 trocaram o sítio do Pinhal pelo sítio das Paineiras, na Tapera Grande. Lembro que a casa era de pau-a-pique, tão velha e estragada que, através dos buracos, passavam galinhas e animais pequenos. O mato chegava até à porta; podiam-se apanhar ramos de vassoura pelas janelas. A mataria do cafezal, que estava totalmente abandonado, era bem maior do que os próprios pés de café. Seis anos mais tarde, em 1911, construíram a casa atual. Como não tinham dinheiro para comprar tijolos, meu pai mandou chamar um homem, cujo nome era Tito, e que entendia um pouco do assunto, e, com a ajuda dos meus irmãos, construíram o forno e fizeram lá mesmo os tijolos, com que levantaram a nova casa. Meu avô morou nessa casa por 18 anos, até morrer, com 89 anos, em 1924. Minha mãe, depois de se casar, foi morar com meu avô que, viuvo aos 30 anos, não quis mais casar-se. Ficaram tomando conta da casa e de meus tios, Pedro, Vicente e Mariana, até que êles se casassem.

- Seu avô teve muita influência na sua meninice?
- Bem, minha mãe nos contava que êle era muito caseiro e ajudava muito a criar os netos, e nós tínhamos verdadeira veneração por êle, pois contava-nos muitas estórias sempre com boa moral.
- Quando a Senhora percebeu que tinha vocação para a vida religiosa?
- Um dia, ao pôr do sol, depois de trabalhar a jornada inteira, sentei-me num tronco de árvore, no meio do cafezal, e comecei a ler um escrito de

São Paulo, que dizia: "Quem casa, faz bem, todavia, quem se consagra a Deus na virgindade, faz melhor." Foi como um raio de luz na minh'alma: tomei a firme decisão de conservar a virgindade até morrer. Parei com o meu enxoval, dando o que estava pronto para minha irmã, Mariana, que já estava noiva. Passei um ano sem mais preocupações, sendo único passeio o de ir à missa, aos domingos. Um dia, o confessor perguntou-me o que eu pretendia para o futuro; eu disse que era ficar em casa, no estado de virgindade. Ele me fez ver que isto era difícil, e me aconselhou a procurar uma ordem religiosa. Eu, porém, não conhecia nenhuma, nunca tinha visto irmãs, nem sabia como fazer.

- E como a Sra. conseguiu resolver o problema ?

- Bem, eu tinha mais intimidade com o mano Gabriel. Falei com êle e pedi que comunicasse ao papai, a fim de me levar a Piracicaba, para expor o caso a frei Pacífico: êle, que já estava no convento, poderia dizer alguma coisa. Quando falei com meu pai, êle ficou desgostoso por ter eu mais confiança no mano do que nêle. Aconselhou-me a pensar bem antes de tomar tal decisão. Passados uns dias, disse-lhe que estava mesmo disposta a ir. Em fevereiro, êle e minha mãe acompanharam-me até Piracicaba, para falar ao frei Pacífico, e êle nos explicou que aqui perto, no Asilo Coração de Maria, havia uma nova Congregação e, quem sabe! ela me aceitaria. Ao chegarmos lá, fomos recebidas pela madre Gertrudes; pareceu-me que ela achou que eu não teria qualidades para nada, pois eu não sabia me expressar. Sem rodeios, nos disse: "Não tem lugar, esperem mais um pouco e depois voltem outra vez". Voltamos ao convento para nos despedirmos do Irmão; êle aconselhou-nos a que voltássemos lá e disséssemos: "Se aqui não tem lugar para mim, irei procurar outra Ordem." Quando eu disse isto à madre Gertrudes, ela mandou chamar a madre Inês, que era a mestra das noviças, e a ela apresentou-me. Depois de curta conversa, ela disse que eu poderia voltar no mês seguinte, para experimentar, e que se não houvesse tempo de preparar o enxoval, não teria importância; podia-se fazer lá mesmo, no Convento.

- Quando e como a Senhora ingressou no Convento ?

- Marcamos o dia 27 de março de 1919. Quem me acompanhou nesse dia foi o Gabriel. Notei lágrimas nos olhos de meus pais, não porque fôssem

contrários - estavam de acôrdo e orgulhosos pela graça da minha vocação mas, sim, pela separação.

Fiquei firme e não chorei perto deles; mas no trem chorei à vontade, a ponto de me dizer o mano: "Se você está arrependida podemos voltar..." Seria longo e talvez inútil descrever o que passei até à profissão perpétua; só lhe digo que lutei contra tentações de desânimo, incertezas, principalmente quando me julgava inútil e não me sentia realizada. Com a graça de Deus, pude superar tudo até o presente, julgando-me privilegiada e sentindo-me muito feliz.

- Onde passou seus primeiros anos de vida religiosa ?

Estive em Descalvado; aos domingos, eu gostava de levar as meninas a passear nos campos baldios, onde havia muitas goiabeiras nativas. Isto nos valia umas duas horas de caminhada; como não tínhamos condução, o remédio era ir a pé. Era uma alegria para as orfãzinhas: dava-lhes toda a liberdade, corriam, saltavam, cantavam, como pássaros fora da gaiola. Eu matava as saudades dos campos, ficando sentada embaixo de uma árvore, e elas faziam questão de me trazer as mais bonitas goiabas. Ao voltarmos para casa, precisava dar um banho em todas; em seguida, jantar, recreio de uma hora, depois, a reza do têtço e... prontas para dormir. Assim passaram-se 7 anos e 3 na Santa Casa.

- E depois dêsses 10 anos, para onde a Senhora foi ?

Estive em Taubaté, um ano como encarregada da cozinha. Tive de cozinhar para 120 pessoas, ficar no fogão, na dura, para ensinar as meninas, pois era um orfanato. A madre queria que fizéssemos qualquer doce, pelo menos, aos sábados e domingos. Certa vez, para variar, inventei e fiz um doce de cenoura. Foi uma gozação, porque ninguém ainda havia feito tal doce. Fiquei bem chateada, mas acabaram gostando e não sobrou nada ! ...

- Como foi seu tempo de enfermagem ?

Em 1936, 37 e 38, quando trabalhava aqui no ambulatório do hospital, precisava fazer um pouco de tudo. Das farmácias de fora, mandavam clientes para tomar injeção na veia; diziam que eu era perita em aplicá-las. Se chegava algum doente com braço ou perna quebrada, à noite, com talas de papelão, envoltas em algodão, ajudada pela assistente da noite,

imobilizava o membro. No dia seguinte, o médico o examinava e, não vendo necessidade de fazer outra coisa, deixava como estava. 30 dias depois tiravam-se as talas e o membro estava bom. Tudo isto feito só na prática. Como eu tinha saúde e disposição, sempre atendia aos serviços extraordinários que apareciam à noite. Certa vez chegou um ferido gravemente numa briga; depois de cuidar da parte material, vendo que êle ia morrer, perguntei se desejava que chamasse o padre para se confessar e receber a unção dos enfermos. Êle respondeu categoricamente que não queria. Por mais que eu fizesse ver que êle precisava arrepender-se e pedir perdão a Deus, que seu estado era grave, e só assim poderia salvar a alma, êle se negava. Então eu disse, quase sem medir as palavras: "O senhor quer ir para o inferno, desprezando a Graça. Pois vá, então, não insistimos mais!" Após meia hora de reflexão, êle mesmo pediu o padre, confessou-se, recebeu os sacramentos e morreu em paz. Assim se passaram êstes 3 anos, e se fôsse contar as peripécias que passei, seria uma narrativa sem fim. Contudo, sentia-me muito feliz, por ser útil a próximo. Por exemplo, naquela época não havia aparelhos próprios para se fazer transfusão de sangue; quando era necessário, tirava o sangue com a seringa e o injetava no paciente. Quando meu sangue combinava com o do doente, fazia a transfusão do meu mesmo.

- E o que a Sra. nos conta sobre seu trabalho na maternidade ?

- Quando comecei a trabalhar na maternidade, aqui, não havia os aparelhos de hoje. A gente precisava se arranjar como pudesse. O serviço era dia e noite. Tínhamos só uma noturna para a casa tôda. Se nascia uma criança asfixiada, não havendo aspirador, usava-se uma sonda e aspirava-se com a bôca. Dêste modo muitas crianças foram salvas. Os prematuros eram envoltos em algodão, com bolsa de agua quente, no bêmço.

- Sabemos que a Sra. esteve em Jundiaí desde 1936, começando na parte de cirurgia e farmácia, passando depois para a maternidade. A Sra. saiu de Jundiaí, depois disso ?

- Sim, em 14 de março de 1949 fui para a Santa Casa de S. Pedro. Êsse período foi bem gozado; a casa era pequena, a Irmã enfermeira tinha de abranger todo o serviço de enfermagem, de dia e de noite, nas diversas secções. Surgiu naquela ocasião a penicilina cristalizada, a ser aplica-

da de 3 em 3 horas. Não só os internos, mas também os de fora recorriam à Santa Casa para tomar as injeções, passando a noite lá. Como não tínhamos noturno, o jeito era arranjar um despertador e levantar de 3 em 3 horas... Longe de me aborrecer, eu me sentia bem feliz. Entre outras coisas, certa noite chegou um ferido com a orelha decepada, presa só com a pele da parte de baixo. Ele estava todo sujo de terra, e como não havia ninguém para me ajudar, o jeito era limpá-lo e suturar; levei uma hora para fazer o serviço. Ao terminar, disse-lhe: "Se não doer, volte daqui a 6 dias, para ver como está." Imaginem como Deus me ajudava; sem tomar antibióticos, sem mais cuidados, o homem ficou com a orelha completamente curada. Ficou muito agradecido, trazendo-me um cacho de bananas maçãs madurinhas. Gostei, porque lá quase não havia frutas. Semelhante a esta, tive outras e outras aventuras, e eu, que me julgava tão inexperiente, recordava-me do adágio: "Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei!"

- A senhora ficou até quando, na Santa Casa de S. Pedro?

- Em janeiro de 1951 voltei novamente para Jundiá. Vim para o mesmo serviço e a mesma secção, onde me encontro até hoje, sentindo-me completamente realizada.

Sabemos muito bem que nesta entrevista ficamos conhecendo apenas uma face da existência de Irmã Verônica. Sua vida interior de união com Cristo, seu Casto Espôso, suas virtudes, seu fecundo apostolado, nunca poderemos avaliar.

No entanto, queremos apenas acrescentar que Irmã Verônica sempre foi e é uma autêntica Franciscana. Seguindo as pegadas de seu Pai São Francisco de Assis, dedicou-se de corpo e alma a prática da caridade. Na medida que aliviava o sofrimento físico, proporcionava o bálsamo para os males da alma.

Quantos prematuros e recém-nascidos foram batizados por ela em casos de emergência!

Quantos casais ilegítimos ela preparou para receber o sacramento do matrimônio!

Inúmeros foram os agonizantes que ela reconciliou com Deus preparando-os para a eternidade!

Para seus amigos e numerosos parentes, sempre foi o apôio seguro onde todos buscam uma palavra de estímulo, de orientação ou de esperança e conformidade.

Dotada de uma alma profundamente sensível, sempre amou a natureza de modo especial as flôres que sempre cultivou com carinho. Suas lindas plantas que ornamentam os recantos da maternidade, lembranos das flores mais preciosas que enchem de alegria e encanto os lares jundiaenses: as crianças que ajudou a nascer.

Esta é a figura, forte e ao mesmo tempo serena de Irmã Verônica Maria da Cruz a quem todos nós reverenciamos nesta data de seu  
JUBILEU DE OURO!

4  
19

Jundiaí, 31 de agosto de 1971.

Exmo. Sr.

Comendador Hermenegildo Martinelli

DD. Vereador à Câmara Municipal de Jundiaí.

Nesta.

Atendendo a sua solicitação, venho informar não existir impedimento algum de minha parte no sentido de que V.Exã. apresente Projeto de Decreto Legislativo junto à Edilidade, em obediência ao Regimento Interno, onde figura meu nome como Cidadão Jundialense.

Sem mais, firmo-me,

atenciosamente.

Irma Verônica Maria da Cruz



5  
19

# CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ

REQUERIMENTO N.º 2 077

Senhor Presidente

REQUEIRO À MESA, NA FORMA REGIMENTAL, OUVIDO O SE-  
BERANO PLENÁRIO, SEJA CONCEDIDA URGÊNCIA PARA DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO  
PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 37, NA ORDEM DO DIA DA PRESENTE -  
SESSÃO.

SALA DAS SESSÕES, 1º/09/1 971.

*[Signature]*  
HERMENEGILDO MARTINELLI.

*[Signature]*  
1407

*[Signature]*  
Diretor Geral  
*[Signature]*  
Antonio C. P.

AMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ
APROVA O
Sala das Sessões, em 01,09, 1971
Presidente <i>[Signature]</i>

*[Signature]*  
Vitor J. Figueira  
*[Signature]*  
Pedro J. Figueira

b  
29.

(PROC. 13 367)  
CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ  
EST. DE SÃO PAULO  
CÓPIA

- DECRETO LEGISLATIVO Nº 30 - DE 02 DE SETEMBRO DE 1.971 -

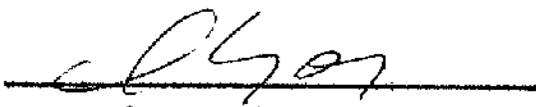
A CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, Estado de São Paulo, decretou e eu, CARLOS UNGARO, na qualidade de seu Presidente, no uso das atribuições que me são conferidas por lei, faço baixar o seguinte DECRETO LEGISLATIVO:

Art. 1º - Fica concedido à Revma. Irmã. Verônica Maria da Cruz, o título de "CIDADÃ JUNDIAIENSE".

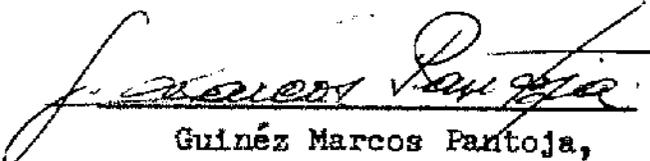
Art. 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Jundiaí, em dois de setembro de mil novecentos e setenta e um. (02/09/1 971).

  
\_\_\_\_\_  
Carlos Ungaro,  
Presidente.

Registrado e publicado na Secretaria Geral da Câmara Municipal de Jundiaí, em dois de setembro de mil novecentos e setenta e um. (02/09/1 971).

  
\_\_\_\_\_  
Guinéz Marcos Pantoja,  
Diretor Geral.

# Câmara Municipal de Jundiaí

Jornal da Cidade de 17-9-71

## DECRETO LEGISLATIVO N.º 30 — DE 02 DE SETEMBRO DE 1971

A CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, Estado de São Paulo, decretou e eu, CARLOS UNGARO, na qualidade de seu Presidente, no uso das atribuições que me são conferidas por lei, faço baixar o seguinte DECRETO LEGISLATIVO:

Art. 1.º — Fica concedido à Revma. Imã Verônica Maria da Cruz, o título de "CIDADA JUNDIAIENSE".

Art. 2.º — Esta resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário. Câmara Municipal de Jundiaí, em dois de setembro de mil novecentos e setenta e um, (02/09/1971).

Carlos Ungaro,  
Presidente

Registrado e publicado na Secretaria Geral da Câmara Municipal de Jundiaí, em dois de setembro de mil novecentos e setenta e um, (02/09/1971).

Guinéz Marcos Pantoja  
Diretor Geral

